

Apresentação de resenha crítica do livro: Escola, currículo e avaliação

Resenhista: Terezinha Bazé de Lima¹

ESTEBAN, Maria Teresa (Org.). **Escola, currículo e avaliação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

Maria Teresa Esteban do Valle possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense (1983), mestrado em Educação pela Universidade Federal Fluminense (1992) e Doutorado em Filosofia y Ciencias de la Educación pela Universidade de Santiago da Compostela (1997). Atualmente é professora associada I da Universidade Federal Fluminense. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em avaliação de Aprendizagem, atuando principalmente nos seguintes temas: avaliação, cotidiano escolar, classes populares, heterogeneidade e processo dialógico.

O livro organizado por Esteban faz parte da Série Cultura, Memória e Currículo; possui oito artigos, com a participação de um grupo de pesquisadores. O primeiro artigo, de autoria de Esteban, apresenta o título: "Ser Professora: avaliar e ser avaliada". Nele, a autora destaca que avaliar, como tarefa docente, mobiliza corações e mentes, afeto e razão, desejos e possibilidades. Aponta a avaliação como tarefa que dá identidade à professora, normatiza sua ação, define etapas e procedimentos escolares, media relações, determina continuidade e rupturas e orienta a prática pedagógica.

A autora considera a avaliação como tarefa escolar inscrita num conjunto de práticas sociais que tomam o conhecimento como meio para manipular e dominar o mundo, percebido mediante uma concepção mecanicista da natureza, fazendo-o funcionar segundo as determinações de um sujeito a-histórico, que conhece para prever os fenômenos e para controlá-los. A autora destaca em seu artigo que a prática de avaliação que pretende medir conhecimentos para classificar os estudantes, apresenta-se como dinâmica que isola os sujeitos, dificulta o diálogo, reduz os espaços de solidariedade e de cooperação e estimula a competição. Enfatiza, ainda, que essa prática exclui do processo ações indispensáveis para um contexto pedagógico favorável à aprendizagem, sendo, portanto, insuficiente para o professor que deseja ensinar a todos os seus alunos e alunas.

Esteban nos chama a atenção que no cotidiano escolar, avaliando e sendo avaliada, a professora vai aprendendo duas lições contraditórias: é preciso classificar para ensinar; e classificar não ajuda a ensinar melhor, tampouco a aprender mais, pois, classificar produz exclusão e para ensinar é indispensável incluir.

Para a autora, a avaliação vem marcando, expondo, classificando e excluindo os alunos e alunas que não aprendem, os professores e professoras que não ensinam, as famílias que não colaboram e os funcionários que não têm competência, jogando luz

¹Pedagoga pela UFMS, Doutora em Educação pela UNICAMP, Professora titular da UNIGRAN Dourados e do IESF/FUNLEC em Programas de Graduação e Pós-graduação lato senso. bazelima@unigran.br; www.professorabaze.com.br

sobre o que não fazem e enunciando, “em alto e bom som” suas incapacidades. A avaliação joga para uma zona opaca e silenciosa as questões que podem nos ajudar a compreender e a interagir sobre a prática pedagógica. Ressaltando a negação, o que se nega é a própria potência da escola e dos processos emancipatórios que ali se realizam.

O artigo de Esteban é provocativo e nos convoca à leitura.

Já o segundo artigo, “avaliar a escola e a gestão escolar: elementos para uma reflexão crítica”, de autoria de Almerindo Afonso aponta e convoca os educadores para pensar a avaliação das escolas e o lugar dos seus gestores nesse processo. O autor é professor na Universidade do Minho em Portugal e mantém fortes laços com o Brasil.

Afonso destaca em seu artigo que avaliar a gestão escolar é também, em grande medida, avaliar a própria escola no seu todo, uma vez que os responsáveis pelos órgãos da gestão não podem ser e estar indiferentes ao que se ocorre no âmbito da escola. Convida-nos a ler o artigo e a pensarmos juntos as estratégias para as fronteiras da avaliação da escola como organização educativa complexa.

O terceiro artigo, “Fundamentos, dilemas e desafios da avaliação na organização curricular por ciclos de formação”, é de autoria de Ana Lucia Souza de Freitas – Professora de rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, assessora pedagógica da SMDE de 1993 a 2000, Doutora em Educação pela PUC - RS e Professora no curso de Pedagogia da Unilasalle. O artigo apresenta considerações sobre a avaliação na escola por ciclos de formação, o que consiste em tema complexo e polêmico. Complexo não como sinônimo daquilo que é difícil, mas “no sentido originário do termo **complexus**: o que é tecido junto” (MORIN, 2000b, 89). É polêmico porque tal compreensão encerra, em si, uma contradição fundamental: a concepção e a prática da avaliação na escola por ciclos de formação pressupõem uma lógica de inclusão, mas inserem-se, por sua vez, num contexto social mais amplo que, orienta-se pela lógica de exclusão, atuando no sentido oposto, o que contribui para a reprovação.

O quarto artigo, “Templos construídos sobre templos: a história da América Latina e o cotidiano da escola”, foi escrito a duas mãos: por Mailsa Carla Passos – Doutora em Educação – PUC/RJ e por Carlos Roberto de Carvalho – Doutorado em Educação – UFF. Os autores destacam que o texto pretende ver que na história das relações entre as culturas e nas disputas de poder inerentes a ela, é possível perceber deslizos e que há casos em que perpetuam a multiplicidade que se tenta apagar, considerando que as origens das nações modernas estão alicerçadas na tentativa de grandes apagamentos e violentas disputas entre as diferenças culturais.

O quinto artigo, “Conversas sobre avaliação e comunicação” foi tecido por quatro pesquisadores: Alice Ribeiro – Psicóloga de Escuela Especial J. L. de Cabreira, Corboda, Argentina; Geni Amelia Nader Vasconcelos – Professora da Faculdade Santa Doroteia, Nova Friburgo/RJ, Professora da Faculdade de Odontologia de Nova Friburgo; Paulo Sgarbi – Professor da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Valter Filé – membro da equipe da T.V Pinel/RJ de acordo com os autores, o texto foi tecido da seguinte maneira: cada um dos autores foi mexendo e remexendo nas falas um dos outros, ora puxando fios, ora desembaraçando algum emaranhado e ora criticando a crítica. Os autores convidam os leitores, aqueles que desejam mexer e remexer o texto, a puxar novos fios. Reiteram o convite para que cada leitor faça desse texto um novo texto, procurando

respeitar o que está dito com uma contribuição á reflexão, não como verdades acabadas e incontestáveis.

O sexto artigo "Avaliação e currículo no cotidiano escolar" traz como autores Inês Barbosa de Oliveira – Professora adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e Dirceu Castilho Pacheco – Professor assistente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). No artigo, os autores destacam que nenhuma discussão curricular pode negligenciar o fato de que aquilo que se propõe e que se desenvolve nas salas de aulas darão origem a um processo de avaliação. Assim, o texto trata da avaliação como parte integrante do currículo, evidenciando relato de práticas cotidianas de avaliação.

O sétimo artigo com o título "As influências de um rio chamado avaliação escolar" foi escrito por Maria Claudia Reis Ferraz – Professora da CIEP 060 – Geraldo Reis (1º seg. de Ensino Fundamental da SEE do RJ), aluna do mestrado em Educação da UFF, e por Stella Maris Moura da Macedo - Professora do 1º seg. do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação da EURJ (CAP/UERJ) e da SME do RJ; aluna do Mestrado em Educação da UFF. As autoras esclarecem que a tentativa de associar a avaliação à imagem de um rio que, em seu longo percurso, aflui para os dilemas presentes nas relações objetividade/subjetividade, fragmentação/integração e exclusão/inclusão lançou-as ao questionamento: que compreensões temos nós sobre o ato de avaliar quando nos vemos diante da tarefa cotidiana de mergulhar nas águas caudalosas desse rio chamado avaliação escolar. As autoras destacam que as experiências com a prática da avaliação escolar levam-nos a conceber a avaliação como um processo que possibilita a aprendizagem de valores humanos que, muitas vezes, não estão presentes nos currículos oficiais, assim como possibilita uma compreensão interdisciplinar do conhecimento. Enfatizam que decidiram por essa abordagem por que há muito o tema as instigava e convergia, de certa maneira, para as seguintes questões: com qual concepção avaliamos nossos alunos e nossas alunas? A favor de quem temos avaliado? Com essas questões as autoras afirmam que seguem as determinações institucionais, abrindo brechas para entender a prática da avaliação numa concepção mais democrática e inclusiva.

O oitavo e último texto do livro organizado por Esteban, com o título de "Avaliar o processo de aquisição da escrita: desafios para uma professora pesquisadora" é de autoria de Carmem Sanches Sampaio – Professora da Escola de Educação da UNIRIO e pesquisadora da GRUPALFA – grupo de pesquisa: Alfabetização dos alunos e alunas das classes populares, coordenado pela Profª. Drª. Regina Leite /UFF. A autora discute, reflete e socializa momentos experienciados por professoras alfabetizadoras que vivem os desafios de construir, coletivamente, uma prática avaliativa a partir das experiências construídas com crianças no processo da alfabetização. Após interrogar a ação alfabetizadora praticada na escola, tendo por base o diálogo prática/teoria/prática, as pesquisadoras descobrem e aprendem a compreender que as crianças vivenciam processos diversos e revelam trajetórias variadas e singulares em seu modo de aprender. A autora destaca que as razões do presente estudo foram decorrentes do número de crianças que chegaram ao final da primeira série sem saber ler e escrever – cerca de quarenta por cento da turma.

É importante destacar que toda a obra foi tecida sobre fundamentos teóricos dialogados com vários autores, resultando numa interlocução dialógica. Entre os teóricos pesquisados podemos citar: Foucault com *vigiar e punir*; Santos e Boaventura com *o conceito de emancipação e a crítica contra o desperdício da experiência*; Chauí, com *indagações sobre os critérios da autoavaliação, tecendo os fios com a ideologia e*

educação. Prigogine com a obra *O fim das certezas*; Afonso, com *Regulamentação e emancipação*. Bhabha, com reflexões sobre *O local da cultura*; Sacristán com *Pedagogia por objetivos*; Fribberg, com *O poder e a regra*; Giroux, com *A teoria crítica e resistência em educação*; Morin, *saberes necessários à educação do futuro*; Certau, com *invenção do cotidiano*; Bakhtin, com *A estética da criação verbal* e Benjamin, sobre os conceitos de história e cultura. É preciso destacar que outros autores fizeram parte da tessitura da obra e que pela sua consistência teórica é possível classificá-la como uma obra clássica.

COMENTÁRIO CRÍTICO

O Livro *Escola, currículo e avaliação*, organizado por Esteban, tem o objetivo de promover uma compreensão de que o processo avaliativo está vinculado à relação inclusão – exclusão escolar e social, o que nos faz refletir que os modelos oficiais de avaliação externa por parte do MEC são modelos hegemônicos de avaliação e, portanto, estão alinhados a concepções excludentes do ser humano, de relações sociais, de práticas pedagógicas e da dinâmica escolar.

A contribuição dos autores com suas teses sobre avaliação na escola nos deixa “**pistas e recomendações**” para que o processo de avaliação possa e deva vincular-se aos processos desenvolvidos sob a ótica da emancipação social, sendo indispensável a nós, gestores e professores, em qualquer nível de ensino e local de atuação, assegurar estratégias e movimentos para que as práticas de avaliação escolar sejam democratizadas, no sentido de proporcionar espaços significativos para um diálogo profundo num processo coletivo plural, a fim de que os resultados avaliativos possam ser compartilhados entre os sujeitos nele envolvidos. O acesso, a permanência e o sucesso escolar precisam, de fato, serem “verdadeiramente eficazes”. A possibilidade existe porque fazemos parte de ampla rede de educadores que sonham e que têm esperança pelo surgimento de uma escola articulado ao projeto de emancipação social do ser humano, como bem nos ensina a obra organizada por Esteban e que nos alerta para: “é preciso uma redefinição metodológica da avaliação para acompanhar a transformação epistemológica que a emergência de novo paradigma requer e se faça presente na escola” (2005, p. 31).

É importante esclarecer que optei por elaborar a resenha da obra datada de 2005 e em sua 2ª edição, por ser uma obra que considero inédita no campo da avaliação educacional, ao ponto de recomendar sua leitura a todos os gestores, professores, professoras, pesquisadores e pesquisadoras que atuam na educação infantil, no ensino superior e na pós-graduação *lato e stricto sensu*. Uma obra que surpreende pela riqueza das fontes e pelo conjunto das informações, e por isso mesmo assinala as possibilidades de transformações profundas no modo de pensar, agir e realizar as práticas de avaliação na escola.